

# O DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE IJUÍ

Cibele Mai<sup>1</sup>

Paulo Evaldo Fensterseifer<sup>2</sup>

## Resumo

A pesquisa analisa e caracteriza a relação do professor de Educação Física com o universo do trabalho docente. Este estudo envolveu: coleta de dados; transcrições e interpretação das entrevistas através da Análise de Conteúdo. A análise constituiu-se de um conjunto de fatores que envolvem o cotidiano escolar, no qual buscamos perceber os elementos centrais que se incorporaram a sua prática pedagógica e desencadearam o estado de desinvestimento pedagógico, destacando-se: a formação inicial e atuação profissional; a supervalorização do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física; a desvalorização da Educação Física; a insatisfação financeira e o desencanto com o magistério.

**Palavras-chave:** Educação Física. Cultura Escolar. Desinvestimento Pedagógico.

## THE PEDAGOGIC DESINVESTMENT IN PHYSICAL EDUCATION: A CASE STUDY IN THE PUBLIC SYSTEM IN THE CITY OF IJUÍ

## Abstract

The research analyzes and characterizes the relationship of physical education teacher with the world of teaching. This study involved: data collection, and transcripts from the interviews through content analysis. The analysis consisted of a set of factors involving the school, in which we seek to realize the core elements that joined their practice and have led the state of educational disinvestment, including: initial training and professional performance, the overvaluation of the sport as the content of physical education classes, the devaluation of Physical Education; financial dissatisfaction and disenchantment with the teaching.

**Keywords:** Physical Education. School Culture. Desinvestmente Pedagogical.

## LA DESINVERSIÓN PEDAGÓGICA EN EDUCACIÓN FÍSICA: UN ESTUDIO DE CASO EN LA RED DE EDUCACIÓN PÚBLICA DE IJUÍ

## Resumen

La investigación analiza y caracteriza la relación del profesor de educación física con el mundo de la enseñanza. Este estudio involucró: recogida de datos, y las transcripciones de las entrevistas a través de análisis de contenido. El análisis consistió en un conjunto de factores involucrados en la escuela, en la que buscamos los elementos clave que se incorporaron a sus prácticas y han llevado al Estado de desinversión educativa, a saber: la formación inicial y profesional de rendimiento, el sobreestimación del deporte como contenido de las clases de educación física, la devaluación de la Educación Física; insatisfacción financiera y el desencanto con la enseñanza.

**Palabras clave:** Educación Física. Cultura Escolar. Desinversión Pedagógica.

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física pela Unijuí/RS

<sup>2</sup> Prof. Dr. em Educação da Unijuí/RS

## **Introdução**

Esse estudo objetiva identificar e compreender a relação que o professor de Educação Física mantém com o universo escolar, buscando esclarecer os elementos que compõe o quadro do desinvestimento pedagógico vinculados a este profissional que atua na Rede Pública de Ensino do município de Ijuí, “enriquecendo a nossa percepção” sobre os elementos que são mais significativos nesse processo levando-o a desinvestir no seu trabalho docente.

O desinvestimento pedagógico será abordado nessa investigação como a postura adotada por aqueles professores que continuam atuando nas escolas, contudo não investem em práticas pedagógicas de qualidade. Para melhor compreender quais são os fatores que estão implicados nesse processo, será desenvolvido um estudo de caso e através da realização de entrevistas semi-estruturadas que objetivam compor sua trajetória pessoal e profissional, juntamente com os dados coletados por meio do diário de campo e observações de suas aulas. Destaca-se, a necessidade de “ouvir” o professor, conhecer sua história de vida, respeitar e valorizar sua trajetória acadêmica, visto que ela carrega elementos históricos da Educação Física.

## **Metodologia**

A pesquisa se caracteriza como estudo de caso, no qual o professor de Educação Física, participante tem 29 anos de carreira; sua carga horária é de 40 horas semanais, distribuídas em: 20 horas como professor deste componente curricular e 20 horas como gestor da escola pública do município de Ijuí/RS.

Os instrumentos adotados para a coleta de dados correspondem ao registro da observação das aulas ministradas pelo educador, um diário de campo em que foram anotados dados referentes à postura adotada pelo professor ao passar por situações vinculadas ao universo do trabalho docente (disponibilidade de material didático e infraestrutura para o desenvolvimento das aulas; clima de trabalho; autonomia didático-pedagógica; entre outros) e a realização de entrevistas gravadas em áudio.

A coleta dos dados foi realizada em etapas: a primeira, composta pelas visitas à escola, efetuada duas vezes na semana às terças e sextas no turno da tarde, no período de abril a junho de 2009, para observação das aulas e registro no diário de campo; a segunda, através das transcrições das entrevistas concedidas pelo professor; e a terceira, envolvendo a análise das informações coletadas nesta investigação. A entrevista semi-estruturada foi realizada em duas etapas com duração aproximada de uma hora à uma hora e doze minutos cada, abordou temas relacionados à família e à infância, à trajetória escolar, a sua formação e atuação profissional e às práticas culturais de lazer. A interpretação dos dados está fundamentada em uma abordagem qualitativa, no Método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1992) e Minayo (2007).

## **O desinvestimento pedagógico e os elementos constituintes desse processo**

No caso do professor Mateus, as variáveis que o conduziram a adotar uma postura de desinvestimento pedagógico foram agrupadas em 5 categorias de análise a partir do cruzamento de informações entre as observações registradas em um diário de campo, as entrevistas semi-estruturadas e os diálogos com o docente em seus respectivos turnos de trabalho com a Educação Física na escola. As categorias

identificadas como constituintes e/ou determinantes desse processo, especificamente neste caso são:

a) A formação inicial e a atuação profissional:

O professor investigado destaca que teve contato com o esporte desde muito cedo, sua infância e juventude foram bastante desportivas participando de equipes de voleibol, basquete e atletismo na escola e também vivenciou a ginástica olímpica em um clube da cidade. Ao pensar sua trajetória escolar, lembra que seu pai ou familiares não o influenciaram em relação às práticas desportivas, mas seus professores de Educação Física foram determinantes; segundo seu relato: “esses caras me serviram de exemplo e de espelho, para depois eu seguir na carreira esportiva, fazer Educação Física e ser professor”. Ao caracterizar sua formação inicial, o professor lembra que “A faculdade é uma época fantástica, pelo menos a minha foi”, e afirma que a formação recebida deu conta das necessidades encontradas para o desenvolvimento do trabalho com a Educação Física na escola “claro que se fosse hoje seria muito precária, mas na época não, estava dentro da realidade, hoje seria insuficiente”. Também, salienta como pontos positivos a qualificação do ensino, quando ele comenta que “na minha época tivemos grandes professores de Educação Física e eles vinham de Porto Alegre e Santa Maria especialmente para dar aula para nós”.

Mateus cita algumas dificuldades encontradas quando relembra que a universidade não disponibilizava de uma infra-estrutura adequada ao curso; segundo ele, em uma mesma noite deslocavam-se várias vezes para locais muito distantes uns dos outros na cidade, para seguir o cronograma que contava com três períodos de aula teórica e três períodos de aula prática. Atualmente, atuando também com a gestão educacional percebe falhas em sua formação “para administrar uma escola é muito falha, pelo menos a minha foi. Quando estudamos a gente não dá muita bola para a pedagogia e metodologia, quer saber do esporte e quando surge o momento de atuar, há dificuldade, você não tem o conhecimento necessário”.

Em relação às disciplinas oferecidas no curso de graduação, ele destaca que privilegiava as disciplinas práticas, pois sua escolha profissional tem como um de seus principais motivos o gosto pelo esporte adquirido por meio de suas vivências na área. Surgem, todavia, alguns apontamentos no sentido de que faltou um envolvimento maior de sua parte com as disciplinas curriculares vinculadas à metodologia e ao pedagógico, hoje, entende que são essenciais para o seu trabalho. O professor comenta que “a [universidade], ela visava à parte tecnicista, eles queriam preparar- nos para sermos técnicos em qualquer esporte dos cinco ou seis que nos deram. Aquilo ali nos tínhamos que ser técnicos e tínhamos que saber”.

O professor faz uma avaliação positiva de sua formação e algumas de suas experiências mais significativas nesse período, vinculam-se ao treinamento esportivo enquanto campo de estágio e a realização de arbitragens nos finais de semana na região (após a conclusão do curso, tornou-se árbitro da federação gaúcha de voleibol).

Quanto a sua atuação profissional, o docente destaca que mesmo tendo passado pela graduação, na qual adquiriu “a experiência e a técnica das coisas”, as suas vivências esportivas escolares foram decisivas na constituição de sua prática pedagógica, o esporte era e ainda é o ponto de referência da instituição de ensino que frequentou em sua infância e juventude. Mateus afirma, que

Isso tudo [as aulas vivenciadas] me serviu para ser professor daquela forma que me foi dada Educação Física, isso nem a faculdade modificou em mim,

eu segui praticamente dando as aulas as quais eu tive, alguma coisa claro que a gente mudou, aquela forma mais disciplinadora.

Ao refletir sobre as mudanças na área da Educação Física Escolar, comenta que “Hoje, se você mandar um aluno sentar, ele vai pensar três vezes se vai sentar ou não, porque vai sujar o calção”. O professor dá ênfase às limitações da falta de material para o desenvolvimento de determinadas atividades, a própria autoridade do docente está sendo questionada, mas, ressalva a postura dos alunos que passam a exigir práticas que não estejam ligadas ao esforço físico, que estejam voltadas aos seus interesses e a necessidade do convencimento de que aquela prática irá contribuir no seu processo de aprendizagem para optar por realizá-la.

Quando questionado sobre como gostaria de ser lembrado, ele salienta “como um bom professor e que deixou algumas palavras de bom para os alunos e tentou educar o corpo de cada um deles através dos movimentos da Educação Física já estou satisfeito”.

b) A supervalorização do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física:

Ele atribui ao esporte a principal justificativa para a permanência da Educação Física na escola, citando também que ela é importante “sob todos os aspectos: cognitivo, afetivo, social e a integração é fundamental”, e acrescenta que “O professor de Educação Física vive do esporte”. Nas suas falas, não se estabelece uma diferenciação entre os termos Educação Física e esporte, parece que ambos são equivalentes, algo muito próprio de seu período de formação (1976).

Seu entendimento sobre a Educação Física vincula-se: à prática de exercícios para a melhora da “condição física/orgânica” dos indivíduos, aos esportes visando a técnica e o treinamento para se alcançar rendimento e, principalmente, como um elemento central para o desenvolvimento da disciplina e do respeito do aluno em relação ao professor e aos colegas.

O docente investigado em suas afirmações demonstra preocupações vinculadas à necessidade de resultados de curto prazo para a formação de equipes representativas das escolas para participação em competições na região, ressaltando que, “o professor pode ser bom, ter conhecimentos”, mas a necessidade de produzir resultados, como se pode constatar “a gente não vê no dia-a-dia o resultado. O nosso resultado está em uma quadra, em uma piscina, em uma quadra de basquetebol, em uma equipe de voleibol, tu não vê isso na escola, esse resultado final”.

Mateus construiu um vínculo muito forte com o esporte na sua formação inicial enquanto aluno tanto no colegial quanto na graduação, o que motiva seus discursos e ações no sentido da supervalorização do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física na escola.

Quando ministra uma aula, ele mobiliza os conhecimentos práticos que adquiriu ao longo de sua trajetória e aqueles que acumulou ao longo de sua carreira, estabelecendo uma relação significativa com a prática. Com a teoria, no entanto, isso não ocorre com a mesma intensidade, visto que os alunos desconhecem as razões pelas quais estão praticando determinado esporte (jogam por jogar ou para competir com os colegas), os conhecimentos referentes a ele não são contextualizados, ou seja, não são explicitadas as intenções pedagógicas relativas aos conteúdos desenvolvidos.

O debate que caracterizou a chamada Educação Física renovadora, pós anos 80, parece não ter atingido o referido professor. A crise a que ele se refere, o que ele lamenta, vincula-se, justamente, ao abandono da chamada Educação Física competitivista (esportivizada), não a sua existência ou sua permanência nas escolas.

Mas de certa forma, a percepção de que as coisas estão mudando, os alunos estão adotando outras posturas e o mercado de trabalho está exigindo uma maior qualificação dos profissionais que atuam na área da educação.

c) A desvalorização da Educação Física:

A Educação Física é componente curricular obrigatório de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), segundo a Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, entretanto, o que temos diagnosticado é que esta disciplina não conquistou seus espaços na escola pesquisada, para ser reconhecida e valorizada enquanto área de conhecimento.

A partir das observações efetuadas no trabalho de campo, podemos constatar que os agentes escolares expressaram uma compreensão diferenciada daquela que vem sendo construída pela comunidade acadêmica com relação à Educação Física. A escola, a equipe diretiva, os professores, o próprio profissional que atua na área e o poder público, de certa forma desinvestem nesse componente curricular quando deixam de oferecer apoio e/ou condições para o desenvolvimento de uma prática pedagógica integrada à proposta da escola.

O professor investigado, ao mencionar a visão da diretora com relação à disciplina, chama a atenção para dois pontos fundamentais: primeiramente, manifesta a falta de investimentos quanto à aquisição do material esportivo e, em um segundo momento, destaca a realização de uma reunião que estava ocorrendo no exato momento em que ele ministrava suas aulas, ou seja, mesmo atuando 20 horas como gestor educacional não foi comunicado e não pôde participar da mesma, o que de certa forma o impede de tomar conhecimento do que se passa na instituição escolar e manifestar seu posicionamento frente aos fatos.

Quando os docentes de outros componentes curriculares se reuniam na sala dos professores durante o recreio, conversavam sobre seu cotidiano escolar; observavam a organização da semana a partir do cronograma fixado sob o quadro negro, especialmente as datas referentes a eventos e cursos na região, as reuniões do grupo de estudo e formação continuada; trocavam idéias e sugeriam a adoção de outras práticas metodológicas para superar as dificuldades com relação à aprendizagem ou ao comportamento de determinados alunos; compartilhavam acontecimentos, conquistas, motivações e projetos de vida pessoal. Mantendo um clima de trabalho harmonioso, entretanto em momento algum, fizeram referência ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares na escola.

Podemos identificar algumas situações que podem contribuir para a desvalorização da Educação Física na escola: a) quando o professor abre mão de um dos seus períodos para que a professora de outro componente curricular trabalhe com os alunos; b) quando sua proposta de ensino abrange somente a ginástica geral, o futsal e talvez o voleibol, não agregando a ela outros saberes relacionados à Cultura Corporal do Movimento para possibilitar aos alunos a aquisição de novos conhecimentos e vivências diversificadas, integrando outras práticas ao seu cotidiano; c) libera os alunos antes do final da aula; d) não participa das reuniões que ocorrem na escola para ocupar seu espaço, posicionar-se e reivindicar a melhoria das suas condições de trabalho; e) quando não se qualifica participando de cursos ou eventos na área, porque a escola não “oferece” a infra-estrutura desejada.

Quando questionado sobre os investimentos do poder público que são direcionados à Educação Física, destaca que muito pouco vem sendo feito pela disciplina, mas argumenta que a secretaria municipal auxilia as escolas a partir de suas possibilidades enviando material didático, de expediente e principalmente vinculado à

educação infantil “que é hoje a menina dos olhos da secretaria”. Porém, segundo ele, o que falta são algumas escolas receberem investimentos para melhorar sua condição estrutural, incluindo a dele que precisa passar por uma reforma interna. Mateus também destaca que

[...] hoje a Educação Física não é valorizada [...]. O nível de qualquer profissional, não só de Educação Física é baixo porque não é valorizada [...], porque as autoridades que dizem que a educação é importante não valorizam, valorizam a educação de uma forma distanciada de quem a ministra, eu diria que oferece uma certa estrutura didática e material, mas não te dão uma recompensa pra você trabalhar, ninguém trabalha com fome.

A escola possui uma quadra aberta e espaço físico reduzido disponível para o desenvolvimento das aulas referentes a esse componente curricular; Mateus classifica esta infra-estrutura como razoável, mas salienta que não há lugar específico, como por exemplo, uma caixa de areia para a o atletismo e seus material se restringe às bolas de futsal e voleibol.

d) A insatisfação financeira:

A insatisfação financeira é percebida claramente a partir do momento em que Mateus abandona o esporte para começar a trabalhar e pagar seu curso superior; ele destaca que a condição econômica, “na maioria das vezes, é o que determina a carreira de alguém, mesmo que eu gostasse de Educação Física foi uma opção mais próxima para mim ou de certa forma eu tinha condições de fazer”.

O principal fator de descontentamento revelado pelo professor está ligado à remuneração pelo exercício de sua atividade docente na disciplina, foram detectados indicadores de insatisfação vinculados às dificuldades enfrentadas para sustentar-se a partir de seus ganhos mensais, que também não permitiram a ele a continuidade dos estudos no que se refere à pós-graduação. E principalmente, a condição de sobrevivência no momento de sua aposentadoria que para manter seu padrão de vida exige que ele continue trabalhando, entretanto ele afirma “alguma coisa terei que fazer [...] e provavelmente não vá mais trabalhar em escolas”, e complementa dizendo que

[...] um professor de escola creio que nunca vai estar satisfeito, um professor de escola unicamente não tem como, o salário é pequeno. Não adianta! A gente passa ao longo da vida, envelhece e sai do meio frustrado, feliz com o que fez, mas frustrado financeiramente.

Outro fator de descontentamento concentra-se na relação que o professor desse componente curricular faz ao compreender o salário como um reconhecimento pelo trabalho realizado. Consequentemente espera-se uma maior valorização, ou seja, o aumento do salário, o reconhecimento da Educação Física como área de conhecimento integrada à proposta pedagógica da escola e que esta ofereça condições de trabalho ao professor com uma infra-estrutura adequada às suas necessidades. Em uma de suas afirmações, salienta que

[...] ao longo desses anos trabalhei em diversas escolas em uma ou duas os diretores valorizaram a Educação Física como ela deve ser, para os outros a Educação Física não passa de uma recreação, de jogar bola, atirar a bola para cima [...] quando na realidade seja mais importante na escola, [...] porque é a única que une e socializa dentro da escola e a que mais atrai os alunos, que mantém o aluno na escola.

Mateus enfatiza, que uma maior valorização se faz necessária frente às responsabilidades crescentes dos professores em relação aos alunos, ao desgaste psicológico dos professores, contemplando também o seu envolvimento nas escolas em feriados e finais de semana.

e) O desencanto com o magistério;

Mateus atuou como professor por um período de vinte anos, quando pediu demissão ao sentir-se desmotivado com os rumos pelo qual a educação estava trilhando, como destaca na fala abaixo:

[...] a partir dos anos 90, a Educação Física teve uma queda de rendimento, ninguém queria mais nada, o professor não ensinava mais nada, um desincentivo, eu comecei a me desgostar não pela Educação Física, mas pelo magistério. Aguentei mais uns anos e em 96 pedi demissão do estado, saí e fui trabalhar em outra coisa que não deu certo, somei e faltavam oito anos[aproximadamente]. Então eu pensei, tenho que voltar e fiz concurso no município e estou aqui até hoje.

Ao longo de sua carreira, o professor investigado ressalta que suas idéias, crenças e motivações foram mudando com o passar dos anos e complementa, citando variáveis que contribuíram para a sua desmotivação e conseqüente pedido de demissão. Logo após, reingressou no magistério através de concurso público e nesse momento muito próximo a sua aposentadoria encontra-se em estado de desinvestimento pedagógico. Segundo ele,

Mudei. A minha motivação para a Educação Física foi regredindo do 1º ano até hoje, se eu comecei com 10 ou 100 hoje eu estou com 15 com relação à Educação Física, por uma série de coisas: você vê que a carreira não evolui, às vezes porque você não tem condição de crescer no sentido das questões financeiras para melhorar teu nível, não tem condições de fazer uma pós-graduação, um mestrado, tu fica bitolado ao longo dos anos e vai desmotivando. Tu pode até gostar da coisa, mas está desmotivado para trabalhar.

Atuou em diversas escolas e, em relação ao seu trabalho, ele afirma que “nunca faltou disposição, acho que sempre cumpri”; também gostaria de ser lembrado como um bom professor “que deixou algumas palavras de bom para os alunos e tentou educar o corpo de cada um deles através dos movimentos da Educação Física”. Como já foi mencionado por Tardif e Lessard (2007), o professor investe em seu local de trabalho, que tem como característica principal a interação com sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. E estes manifestam suas emoções, angústias e interesses através de falas e comportamentos, que geram algumas situações de desconforto e desgaste psicológico exigindo dos professores “muito jogo de cintura” para amenizar, conciliar e contornar estes conflitos. Para Mateus,

[...] os professores hoje perderam o controle dos alunos, isso se reflete em todos os ambientes dentro da sala de aula de qualquer disciplina, de qualquer conteúdo, [esse] é o grande problema que estamos enfrentando nas escolas hoje como um todo, é a falta de limites porque o desrespeito entre eles mesmo é muito forte, é marcante.

Outro aspecto segundo ele que interfere diretamente na prática adotada pelo docente vincula-se a esta crise de identidade e paradigmas pela qual a educação vem passando. Como constata,

é muita atribuição para o professor e as coisas de fato não estão acontecendo dentro da sala de aula, tem um erro no meio do caminho não sei se é muito conteúdo ou o que está sendo feito não interessa mais. O aluno quer outras coisas não aquela tradicional metodologia didática de conteúdos e estes conteúdos arraigados de 20-30 anos atrás, isso não interessa mais no meu ponto de vista eles querem outras coisas que a escola não tem para oferecer.

Quando indagado sobre a sua maior expectativa com relação ao seu trabalho enquanto professor de Educação Física, ele responde “eu espero que aconteça”, mas para que a educação aconteça, ela depende de um conjunto de fatores, entre eles, o desejo de mudança e ações que se orientem no sentido de produzi-la. Porém, ela precisa partir do próprio professor ao desempenhar sua tarefa com dedicação e empenho no sentido de auxiliar os colegas e atender as demandas que surgem no cotidiano escolar, para que não sejam repetidos relatos como este:

Já aconteceu várias vezes quando eu estava no Estado, muitos professores com má vontade em dar aula, tu pede por favor e não fazem, não ajudam, não vem [trabalhar] e inventam laudos e laudos, às vezes são verdadeiros, mas muitos não colaboram (...) enquanto isso acontecer a educação não vai.

Situação esta, que leva o professor a adotar atitudes que visam solucionar os problemas e/ou minimizar suas dificuldades sozinho apelando para o heroísmo, “esquecendo” as suas posições anteriores que referiam-se as condições de trabalho no ambiente escolar. Mateus destaca que, “Tivemos bons professores e acho que [os alunos] que se formaram deram bons professores e em contrapartida as coisas foram se modernizando com melhores condições [infra-estrutura da universidade em que concluiu a graduação]” e complementa “Eu acho que ela [a Educação Física] não acaba, tende a modificar-se, porque o corpo exige os movimentos, nós vamos sempre fazer os movimentos”.

### **Considerações finais**

Constituíram-se como elementos significativos de análise nesse processo, de acordo com a nossa interpretação, um conjunto de fatores que envolvem o universo docente, no qual buscamos perceber quais foram os elementos centrais presentes em sua prática pedagógica e que nos permitem identificar e lançar luzes sobre o fenômeno do desinvestimento pedagógico. Destaca-se: a formação inicial e a atuação profissional; supervalorização do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física; a desvalorização da Educação Física; a insatisfação financeira; e o desencanto com o magistério; a presença destes fatores no cotidiano escolar dos docentes não significa que se apliquem a outros casos de desinvestimento pedagógico, ou seja, cada caso se diferencia devido às particularidades dos sujeitos investigados.

Um dos pontos de maior discussão sobre a prática pedagógica adotada pelo docente vincula-se ao entendimento: “de que fator o impede de continuar trabalhando na perspectiva do esporte de alto rendimento na escola em que atua?”, visto que toda sua história de vida está “entrelaçada” com as vivências e práticas esportivas. Algumas das respostas encontradas relacionam-se ao fato da escola de pequeno porte não ter um número de alunos suficientes para compor as equipes de acordo com as categorias instituídas para a participação nas competições esportivas do município; a instituição não oferece uma infra-estrutura adequada para o desenvolvimento das aulas; o professor

não encontra respaldo na direção e nos colegas de trabalho. Como hipótese não explicitada, pode estar a crítica realizada a partir dos anos 80 à esportivização da Educação Física e que poderia gerar certo mal-estar.

O desafio que se coloca ao professor investigado consiste em um esforço grandioso para compreender as mudanças que se operam no campo da Educação Física atualmente, pois atua em um período diferenciado daquele que o capacitou, recebeu uma formação tecnicista na década de 70 e hoje depara-se com a necessidade de dar conta não mais de “atividades”, mas de um Componente Curricular. O que acontece, entretanto, é que o docente passa por uma “crise” em que sabe que sua formação não é suficiente e os alunos não querem mais trabalhar os conteúdos tradicionais; não trabalha na perspectiva do esporte de rendimento, para o qual foi instrumentalizado, e não incorpora novas práticas. Vive uma contradição, pois se por um lado reconhece que vivemos novos tempos e que os alunos já não são mais os mesmos, por outro, parece buscar saídas em um passado idealizado (em que a Educação Física produzia resultados “nas quadras”).

O caso estudado pode representar a situação vivenciada e/ou compartilhada por professores que partilharam de uma mesma formação ou aqueles que suas práticas pedagógicas tenham características similares quanto à utilização do esporte ou exercícios físicos como conteúdos que justificam a permanência da Educação Física nas escolas. Mas também, sabemos que essa situação não pode ser generalizada e que situações semelhantes são identificadas em profissionais formados em outros tempos e com outras características.

De modo aparentemente paradoxal, Mateus tem a percepção de sua própria trajetória como positiva e também ressalta como aspectos marcantes na carreira: o reconhecimento por parte de alguns diretores que valorizavam seu trabalho nas escolas; de pais que participavam de suas aulas realizando as atividades propostas juntamente com os alunos; de autoridades com quem desenvolveu projetos de incentivo ao esporte em algumas cidades da região e os laços de amizade construídos ao longo de sua vida.

Das poucas certezas que temos ao final deste trabalho de investigação, é a de que o caso relatado exige mais que julgamentos, análises cuidadosas que resistam às simplificações apressadas, mantendo a complexidade do fenômeno como desafio a novas investigações.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. **O abandono do magistério: vínculos e rupturas com trabalho docente**. *Psicol. USP*, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 18 jun. 2008.

MINAYO, M (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. ver. E atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

### CONTATO:

Rua São Francisco, 501, Núcleo de Educação Física, São Geraldo, 98700-000 - Ijuí, RS  
- Brasil - Caixa-Postal: 560  
[fenster@unijui.edu.br](mailto:fenster@unijui.edu.br)